

# Construindo o futuro

*O melhor desempenho do setor cafeeiro envolve iniciativa privada e governo trabalhando juntos pelo sucesso da cafeicultura brasileira.*

**N**os últimos 10 anos, a cafeicultura brasileira viveu uma crise dramática. Planos econômicos desastrosos; momentos de inflação descontrolada; taxas de juros absurdamente elevadas; políticas cambiais prejudiciais à atividade; desmonte do sistema internacional de administração do comércio de café e guerra de preços resultante da suspensão das cláusulas econômicas do Acordo Internacional do Café; extinção abrupta do Instituto Brasileiro do Café e abandono completo do sistema de administração da política cafeeira, as geadas e a seca de 1994, momentos de completa ausência de financiamentos, dilapidação dos patrimônios físico e tecnológico do setor acumulados no extinto IBC; incertezas sobre a administração dos estoques governamentais... — foram tantos os problemas que podemos considerar heróis os cafeicultores sobreviventes. Heróis que lutaram contra problemas internos e contra concorrentes de outros países, dotados da proteção de instrumentos para compensar a maior competitividade brasileira.

Diante desses problemas, mais de 1 milhão de hectares plantados com café foram eradicados em nosso país, com os conseqüentes efeitos no nível de emprego e renda das regiões cafeeiras. A situação chegou ao caos, quando nem no governo



conseguíamos identificar as pessoas responsáveis pelas decisões de interesse do setor. Os representantes das indústrias de torrefação, do solúvel e da exportação também viviam o drama da completa falta de referência para tomar decisões, e a sobrevivência passou a ser o objetivo imediato de todos.

Um setor que tanto contribuiu para o desenvolvimento de nossa nação não ficaria apenas

esperando que os tempos mudassem. Ao contrário, passamos a ser agentes de importantes modificações no cenário da cafeicultura brasileira e mundial. Passamos a assumir responsabilidades, a viver momentos de reconstrução. Em todos os setores, observava-se indiscutível evolução no sentido de maior eficiência e competitividade. A produção desenvolveu-se em novas fronteiras, a produtividade

de por hectare cresceu graças a novas tecnologias de plantio, como o adensamento e a irrigação; a qualidade melhorou devido aos cuidados na colheita e à técnica de descascar o café cereja; enfim, crescemos em eficiência à custa de grandes esforços individuais. Na indústria de torrefação, observou-se também grande evolução: a qualidade do café ofertado ao consumidor melhorou com a implantação do selo de pureza, mudaram-se os conceitos sobre as conseqüências do café na saúde, os programas institucionais de *marketing* tiveram considerável efeito no mercado. O resultado foi o aumento do consumo. O comércio exportador e a indústria de café solúvel apresentaram grande evolução, assim como o relacionamento entre as instituições representativas dos diversos setores.

## Reorganização política

A criação do Comitê Brasileiro do Café (CBC) melhorou o diálogo com o governo federal e promoveu a retomada de ações conjuntas que dotassem a economia cafeeira brasileira de uma política mais consistente para o setor. O Brasil buscava reaver sua indiscutível liderança na cafeicultura mundial. A criação da Associação dos Países Produtores de Café (APPC) foi um grande passo nesse sentido, mas passo maior foi sem dúvida a constituição do Conselho Deliberativo da Política do Café (CDPC). Através da criação desse Conselho, os setores representativos da iniciativa privada assumiram a responsabilidade formal de, juntamente com o governo federal, gerir a formulação de políticas para nossa cafeicultura. Longe de configurar retrocesso, esse modelo busca justamente uma evolução em relação a tudo quanto já se fez no passado, aumentando a influên-

cia e a participação da iniciativa privada na execução das funções de gestão consideradas necessárias pelo setor.

O CDPC iniciou seus trabalhos sob os olhares atentos de todos, e não eram poucos os que duvidavam de sua eficiência. As dificuldades para iniciar um novo processo decisório são sempre grandes, e só o amadurecimento do novo conjunto de relacionamentos institucionais pode garantir seu sucesso. Não só a iniciativa privada teve que se adaptar. Mesmo os representantes do governo federal passaram a se relacionar e decidir segundo novos critérios.

É positivo o balanço deste final do primeiro ano de atuação. O saneamento financeiro dos produtores, possibilitado pela prorrogação dos débitos junto ao Funcafé; a normalização do fluxo de financiamentos à lavoura (com a liberação tempestiva de recursos para a colheita e para o custeio); a definição de uma política de venda dos estoques governamentais de café; a reavaliação dos prazos de pagamento do café adquirido pela indústria de torrefação; a liberação de estoques para recompor a competitividade da indústria de café solúvel; a reativação da pesquisa cafeeira mediante a formação do consórcio de entidades de pesquisa coordenado pela Embrapa e a alocação de verba do Funcafé para esse fim; a preparação da previsão da próxima safra; a definição das verbas a serem investidas na promoção do café nos mercados interno e internacional; a definição da política internacional de comercialização do produto feita juntamente com os demais países produtores integrantes da APPC são decisões de grande amplitude que terão reflexos indiscutíveis em nossa posição no mercado internacional.

Os desafios do CDPC são

ainda enormes. A concretização das decisões inicialmente tomadas exigirá muito esforço. As políticas de mercado e promoção, a pesquisa agrônômica e industrial, previsões de safra confiáveis, estabilidade na formulação de políticas de preços não se obtêm de uma hora para outra. Dependem da manutenção dos objetivos e do amadurecimento das relações entre as lideranças dos diversos setores envolvidos juntamente com os representantes do governo federal. O envolvimento de instituições que desfrutaram de alta cre-

*A construção do futuro se dá dia a dia. Não há fórmulas mágicas, mas o empenho de cada um na busca de melhores dias*

dibilidade perante a sociedade brasileira, como foi o caso da Fundação Getúlio Vargas na questão da dívida dos produtores, também fortalece o novo modelo.

### Administração da oferta

Dentre os mais importantes desafios de curto prazo encontram-se as decisões a serem tomadas para a administração de uma safra de ciclo alto no próximo ano. Não que isso seja problema, pois tudo indica que, considerados os níveis dos estoques internos dos países produtores e consumidores, essa safra potencialmente maior será apenas suficiente para manter os mercados abastecidos. Mas a administração do fluxo interno de oferta será, sem dúvida, muito importante para que os produtores não percam renda, consolidando o novo e mais adequado nível de produção, e o Brasil não perca as divisas internacio-

nais que propiciam a manutenção do programa de estabilidade da economia brasileira.

A melhor política de *marketing* é, mais que simplesmente fazer propaganda, manter-se no mercado com qualidade e quantidade ofertadas estáveis. A característica bienal de nossa produção exige políticas de controle de fluxo de oferta, pois se a próxima safra terá um ciclo alto, sabemos que a safra de 1999 será de ciclo baixo. Não seria inteligente deixar que apenas as indústrias dos países consumidores regulassem os estoques disponíveis, pois conhecemos a reação do mercado diante de uma oferta maior que o consumo. E não podemos descartar a possibilidade de que os preços voltem a níveis irrisórios, caso não demonstremos internamente mecanismos para evitar uma transferência desfavorável de renda entre os produtores nacionais e as fortes indústrias dos países consumidores. A economia mundial transformou-se bastante nos últimos anos. A globalização é um fenômeno irreversível, e não se concebe o retorno aos mecanismos fortemente intervencionistas do passado. Isso não quer dizer que devamos permanecer inertes, e sim que é preciso exercer o poder de administração do mercado dentro dos limites do novo contexto internacional. Mecanismos indutores de mercado, como financiamentos com risco controlado, e a adequada administração dos estoques atualmente existentes são indispensáveis para uma política comercial compatível com os objetivos de aumento do consumo interno e, no mínimo, a manutenção de nosso *market-share* no mercado internacional. Esses objetivos somente serão alcançados com uma produção média superior a 32 milhões de sacas de café verde, somente viável com produtores capitalizados.

### Atenção constante

A permanente avaliação de políticas e modelos de decisão é também indispensável. O CDPC e as fórmulas de gestão e administração do Funcafé e do patrimônio institucional da cafeicultura brasileira (estoques, patrimônio imobilizado do extinto IBC, assim como nosso patrimônio humano e tecnológico) devem ser objeto de nossa atenção constante.

A construção do futuro se dá dia a dia. Não há fórmulas mágicas. O empenho de cada um na busca de melhores dias para a economia cafeeira brasileira é indispensável. Se há um setor que contribui decisivamente para a melhoria do nível de emprego e da distribuição da renda gerada, esse setor é a cafeicultura. Portanto, trabalhar por uma cafeicultura forte é trabalhar por um Brasil social e economicamente mais justo.

A atual situação de mercado é favorável à estabilidade dos preços. Produção, consumo e estoques garantem razoável equilíbrio entre a oferta e a procura. A hora é propícia para formularmos políticas duradouras que permitam maior estabilidade do mercado e a consequente diminuição do risco do produtor. Temos a certeza de que estamos no caminho certo. Temos que trilhá-lo com confiança e firmeza. O futuro da cafeicultura brasileira será indiscutivelmente de sucesso, desde que trabalheemos unidos, iniciativa privada e governo, em busca de uma melhor coordenação e organização de nosso setor

*Respectivamente presidente e vice-presidente do Conselho Nacional do Café e presidente da Comissão Nacional de Café da Confederação Nacional da Agricultura. Os autores são também representantes titulares da produção no Conselho Deliberativo da Política do Café.*